

OLHARES DO MUNDO

AUGUS

OLHARES DO MUNDO

AUGUS

NOCEGO

Copyright ©
by José Augusto Almeida Barreto
Capa e Projeto Gráfico
José Augusto Almeida Barreto
Editor Responsável
D. Calixto
Assistente Editorial
Flaviane Calixto
Produção Editorial
Equipe Editora Nocego

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barreto, José Augusto de Oliveira
Olhares do mundo / Augus. -- 1. ed. --
Jequié, BA : Editora Nocego, 2017.

ISBN: 978-85-93084-04-1

1. Poesia brasileira I. Título.

17-02725

CDD-869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

Todos os direitos reservados
Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida
por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem autorização do autor.

Publicado pela Editora Nocego - Jequié - Estado da Bahia

RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI

CNPJ: 24.983.429/0001-04

Publique seu livro com a Editora Nocego.

Contatos: (73) 98873-7177

e-mail: editoranocego@gmail.com

www.editoranocego.com.br

Impressão

Multiarte Comunicação Visual

04.702.482/0001-82

Tenho pensamentos que, pudesse eu trazê-
-los à luz e dar-lhes vida, emprestariam nova
leveza às estrelas, nova beleza ao mundo, e
maior amor ao coração dos homens.

(Fernando Pessoa)

Agradeço a Deus por permitir a publicação
destas paginas.

A minha querida esposa Jaqueline Moreira
(Jack) que com amor, carinho e compreensão,
apoiou e viabilizou a materialização
desta obra.

A meus prezados filhos Victor e Vinicius
pela constante colaboração.

A minhas amigas Mônica Almeida
e Zanda Mascarenhas que com carinho
acreditaram e colaboraram neste humilde
labor.

Sumário

1. Decifra-me	11
2. Simplesmente... amor	12
3. Titanic deitado	13
4. Partícula de Deus	15
5. Confusão mental	16
6. Ensaio para melodrama	16
7. Água para Melodia	18
8. Ponteiros	20
9. Depende de nós	21
10. Caminhos	22
11. Delírios	23
12. Vida, ida sem volta	24
13. Limites	26
14. Amor perfeito	27
15. Lampejos do sonho	28
16. Dependência	29
17. Arena	30
18. Provações	31
19. Natureza	33
20. Eternos	34
21. Maquiagem moral	36
22. Lágrimas da expressão	37
23. Martelo do tempo	38
24. Meu despertar	39
25. Papo chato	40
26. Dia D	42
27. Destino	43
28. Jornadeando sem ócio	45

29. Transparência	47
30. Paradoxos da vida	48
31. Ocupação	49
32. O louco	50
33. Tudo muda	51
34. Consumo midiático	52
35. Desvinculação planetária	53
36. Olhares do mundo	54
37. Menino invisível	56
38. Morte da velha	57
39. Escultura de Deus	58
40. Chave perdida	59
41. Curvas	60
42. Rugas	61
43. Asas cortadas	62

Decifra-me

Sei que meu rio
brota,
e sente.
as chuvas que
desabam do eu,
como estrelas surreais,
Sou sol levando sal
ainda assim,
sem pistas
de mim.

Simplesmente... amor

Há!

Que força termostática manobra
impulsos incontroláveis.
arquiva sentimentos,
fotografa as dimensões invisíveis.
penetra nos circuitos humanos,
vai ao desconhecido.
alcança o infinito terminal,
percorre dimensões incalculáveis.
deterioriza pequenas estrelas,
cria uma única e gigantesca.
teletransporta nossas almas,
a paraísos disformes, excitantes,
percorre o leito celestial.
corrói o passado e congela o futuro,
conservando inalterado o fantástico presente.
afoga nossos corpos,
oxigena nossas almas.
destrói inconscientes muralhas,
realiza consciência edificada.
desafia nosso potencial,
e nos torna invulneráveis,
nos assemelha a um ovo,
e nos concebe.
nos dota de poderes colossais,
e nos oculta.
nos é conhecida...
Simplesmente como “AMOR”.

Titanic deitado

Queria apenas a felicidade,
nada fiz para merecer,
mas desejo como faminto,
comer risos e prazer.

Não quero ver a dor do outro,
isso consome meu equilíbrio.
Escapulo das avenidas,
povoadas de cobiça.
Evito tua vivenda.
Com rocha surda
lacro meus tímpanos.

Não deixei de ser insocial,
para manter-me gelado.
Sinto-me ate protegido
na minha dura solidão,
assim ninguém consome,
meu choro frio, queima
como um titanic que deita.
Continuarei meio escondido,
assim ninguém percebe,
meus pensamentos juiz.

Um dia talvez vou revelar,
meus motivos de ser ermitão.
Neste tempo não quero sofrer,
nem ser parte da povoação.

Por enquanto vou ficar assim,
como astronauta desgarrado.
Refletindo entre brechas,
no ermo do turbilhão.

Partícula de Deus

Sou parte indispensável
do universo infindável,
separado como sujeito,
conectado como self,
eternizado pelo Alfa.

Coleciono memórias,
sou energia que cria.
Criado como átomo,
um dia serei arcanjo
depois...
Continuarei a jornada.

A evolução esta marcada
na correnteza do infinito.
Entre estrelas e nebulosas,
completo a poeira cósmica.
Divinamente indispensável
na harmonia do firmamento.

Confusão mental

Pessoas se movem,
eu vejo e pego no vácuo da mão,
ventos carregados de gente,
peneirados nos meus julgamentos,
uns ficam outros descarto.

Sozinho sempre calado,
sussurro gritos no vácuo
e meus tímpanos místicos
respondem com medo.

Um comboio de covardes
e ameaçam de despejo,
tento remover-me de meu quarto.
multi-paredado, entre portas abertas.
Em minha parede, projeta os filmes
que ainda consigo lembrar.
Em preto e branco desperto
como um cão que anda longe da luz.

Ensaio para melodrama

Eu sinto
um canto,
esforço e tento,
desisto e contento,
canso e sento,
fico como cimento.

Não há nada que cause fomento,
falta sempre um elemento,
mesmo que eu fique sedento.
Por mais que tento,
me arrebento,
desisto do canto,
dirijo-me ao canto
sem canto,
desencanto.

Água para Melodia

Lata d'água na cabeça,
lá vai José,
feliz da vida,
na ladeira de sua casa,
que alegria, que alegria.
Vendeu uma lata d'água
para o moço Luiz Melodia.

Figura muito reverenciada
por todo este nosso Brasil.
Só José, ainda não sabia.
Naquela terra que ardia,
ali estavam disputando,
uma partida de futebol.

Na quadra com Melodia,
o sol estava rachando,
já beirava o meio dia.
Correram a uma sombra,
debaixo da amendoeira,
o calor estava danado,
Todos sentiam-se cansados.
Neste momento melódico,
Melodia fez a proposta,
eu dou um bom dinheiro,
por água para banhar-me.
Quem pode rápido pegar?
José foi logo buscar.

O moço precisa de água,
e ainda quer pagar.
Assim que ele voltou,
o moço foi se banhar.

Nunca se viu tanta alegria
na face de Melodia,
conseguiu se refrescar
naquele ensolarado dia.

O trocado foi bem vindo,
deu para guloseimas comprar.
Mas o que fez José feliz,
foi ver sua água ajudar.

Ponteiros

Acordo bem cedo e pego alguns livros,
Tenho vontade de ler todos.
O tempo passa e nada consigo ler.
Uma página, uma eternidade.
Já troco por outro,
logo é jogado para o lado.

Numa tentativa impaciente de ler
e absorver conhecimentos velozmente,
pulando de histórias em histórias,
vou penosamente traçando minha vida.
Sem concluir o começo de um péssimo fim.
Fim de história, sem meio, sem entremeios.
Histórias de um personagem que protesta,
ou aspira por... quem sabe, dias perfeitos.
Utopia?... Talvez... No entanto, este sonho
é de toda a humanidade.

Contudo, não basta sonhar, é preciso realizar.
E como realizar o que pode ser impossível?
Não, não é o saber desesperado,
que vai fornecer-me respostas
ou solucionar meus conflitos internos.
Mas de uma coisa agora tenho certeza,
nada pode acuar o tempo.

Depende de nós

Nas ruas desertas das cidades,
busco criaturas em fase de metamorfose.
Palavra viciada, na boca dos poetas,
que nada escrevem, que não seja
para seu próprio deleite.

O povo escondido quer cultura,
e o que encontra é o resto dos embrulhos,
dos consumidores de arte,
em forma de preciosidades.

Gente que nada faz,
para mudar a paisagem horrível
da nossa bela terra.
Que um dia foi totalmente bela.
Hoje anseia por dedicações,
que sejam a favor de uma nova era.

Era de regeneração,
na crosta atmosférica,
do hemisfério intra cerebral humano.
Humanos, seres capazes
de promover milagres ,
e restaurar a pureza de ser gente.

Caminhos

Caminhos moles deslizam,
para algum lugar eu quero partir.
Toda trilha parece igual,
Nada é diferente nesta espiral.
Aponto qualquer estância,
tudo parece não existir,
aventuro e não chego,
volto ao começo.

Os dias estão seguindo,
barbas brancas se avolumam
e tudo é sempre nada.

Dificuldades de mente empedrada,
nos infindáveis labutes braçais,
rotineiros que nada esperam
de nenhum capataz.

Ao longo de minha história
trilhei no mesmo lugar.

Delírios

Figuras espalhadas sobre a mesa.
Lixeira repleta de lixo.
Lixo que não deveria está no lixo.
E o lixo está onde não deveria.
Reciclamos hoje o lixo de ontem,
que se tornará o lixo de amanhã.

Melhor seria criarmos coisas eternas.
Precisamos criar sentimentos eternos,
que habitem no horizonte das ideias,
edificando novas sensações,
que possam multiplicar e serem despejadas,
no espaço real da consciência humana.
Contudo, rastejamos na superfície crespa
dos entusiasmos comuns.

Hoje sofremos com as farpas violentas,
que são lançadas em nossa direção
e nos perfura a garganta,
abafando o verbo que liberta.
Agora sabem onde está o ouro
mas não conhecem o caminho.

Vida, ida sem volta

Quero de volta meu mel,
que se foi sem avisar,
do meu carro desértico
Lotado de assentos vazios.
Em minha cama desfila lençóis,
lisos como a neve que não vi.

Secou o desejo de seduzir.
Certamente não respondi.
De quem é a culpa?
De alguém ou capricho do destino?
Consumismo em desatino.
Diante do desencanto,
Já estávamos sem metal,
sem forças para regressar.
Palavras que feriram,
serão reformadas.
Cicatrizes por menores que sejam,
marcarão um tempo,
que não deve ser lembrado.

Relógios devem ser estraçalhados
para não haver maneiras
de medir o tempo.

Meu Deus,
quantos caminhos terei que trilhar
e encontrar onde enveredar?

Sem recear,
quero recuperar meu tempo
e quem sabe você.

Limites

Quem disse que a vida é bela,
um dia também disse que não era.
Quando afirmamos coisas tão sérias,
em outros momentos não levamos a sério.
Sem pensar nas consequências,
ficamos inconsequentes.
Percorrendo o mundo,
voltaremos ao ponto de origem.
Nada é tão importante,
quanto a tua importância no mundo.

Uma máquina funciona sem um parafuso,
mas pára, sem engrenagem.
Existem muitas peças fundamentais
e outras nem tanto, mas ajudam.
Entre a música e as artes gerais,
fico inerte no meu canto sem canto,
escuro sem sombra, sem água.

Sei que o gosto da terra é estranho,
mas cada vez mais percebo que vou prová-la.
Num trajeto em declínio total,
Num leito de lama, uma cama,
pendurada no quintal do meu pensamento.
Sei que o gosto da terra é repugnante,
mas talvez eu tenha que focá-la.
No fundo, só há pedras ou céu,
prefiro o céu, mas preciso alcançá-lo.
Não tem jeito, é hora de enfrentar o mundo.

Amor perfeito

No horizonte uma luz
Que cintila no olhar.
No meu corpo uma fagulha
que incendeia o meu pensar.
Em minha frente uma deusa
embaça minha visão.

O chão se parte e treme
Com o toque de nossa áurea.
Num momento tudo se perde.
Tudo derrete num só ato.
Em outro instante a glória,
a satisfação de realizar
uma história infinita.

Em pouco espaço do ser
uma conquista verdadeira.
Repleta de mãos e ternura.
Movimentos sem sentido.
Sem sentir o movimento
chegamos ao inesperado ápice,
de um delírio maravilhoso
onde só o consciente oculto
poderá um dia saber explicar.

Lampejos do sonho

Gigantes próximos a mim,
querendo o que não tenho.
Sinto as pisadas pesadas,
dos pequenos fugindo em desespero.
Há muitas barreiras a sua frente,
difíceis de serem superadas.
É o fim de uma vida, de uma semente.
Tudo estava nos sonhos.
Queria ser gente grande.
Poder ir a escola.
Sentir o cheiro gostoso dos livros.
Ganhar beijos da professora.
Queria fazer faculdade.
Queria ser doutor, da lei.
Mas o destino foi cruel
e deu o último golpe.
Um corpo inerte jorrando.
Candelária da vida.

Dependência

Entre as coisas do mundo,
só penso em ter o que não posso.
Sem poder ter não posso viver.
Quem detém o poder tudo tem.
Nesta roda da vida, só o amor
pode permanecer aceso.

Pois tudo o mais é perecível
sujeito a mudanças bruscas.
as sombras se escondem,
também esta a desilusão.
Rio negro de lágrimas ruivantes,
Ecoam gritos desesperados
de antigos sorrisos abafados.

Mãos sedutoras, corromperam-me.
Entre paredes sujas de opressão,
as lamentações são frequentes.
O desespero é a única força
capaz de ajudar a salvar-me.

Entre as luzes que aparecem
na turbulência dos ciclones
tento agarrar-me em uma,
que seja forte o suficiente,
para sair desta prisão.
Meu interior perdido,
no vício da matéria.

Arena

Caverna repleta de imagens
a contar nossa história no futuro.
Vi nascer um tiranossauro
somos uma espécie em extinção.
Não podemos com seres tão gigantes,
cuidarei de minha família
em meio as feras.
Nos querem como refeição.
Não sou comida de ninguém,
mas quando nos cercam, a coisa fica feia,
pois não temos escolha.

Ou ficamos confinados na caverna
ou saímos e ficamos expostos ao perigo.
Enfrentamos a fome e a fraqueza,
não temos tempo para pensar,
não temos tempo para o lazer,
não podemos criar nada.
Somos reféns de seres gananciosos,
fortes e ferozes
em nossa fraqueza,
Ficamos a esperar
que um milagre aconteça.
Quero sair deste mundo
e encontrar a terra prometida .
Século vinte e um,
tempo perigoso, se vacilar,
vira papa de dinossauro.

Provações

As estradas estão onduladas,
as laterais repletas de sofrimento.
Nas estrelas é melhor de se viver,
as estradas continuam ondulantes,
nas laterais, só lamentos.

Quero pegar um disco voador
e visitar a estrela mais próxima.
Quem sabe lá as estradas são planas
e nas laterais é só alegria.

Aqui todas as estradas são onduladas,
esburacadas, reformadas, recapadas,
sem brilho, sem pão, sem sal, sem gosto,
com fome,
com sangue,
com dor,
sem líder, sem amor,
sem compaixão.

Aqui, as laterais, alojam escravos,
de um esquema tele-guiado,
Programados para rastejar,
não com a dignidade da cobra,
como vermes não possui função ou valor.

Nada é nobre neste caos
Rasguem os livros de história,

pois tudo é uma farsa.
Disfarçado de heroísmo
nas dores dos infelizes.

Difícil é continuar
sem desfalecer,
sem desviar,
sem se vender.

Como é difícil estar com fome,
ver o pão e não comer.

Como é difícil ser honesto.

Natureza

Das árvores
caem galhos estrondosos
e ficam as folhas.

No mar as ondas batem,
em paredes de corais resistem
a qualquer vendaval que se precipite,
na profundidade do nosso mar,
repleto de histórias tristes e alegres.

No céu estão nossos sonhos.
Nas nuvens claras os sonhos bons,
nas escuras os indesejados,

E quando estas nuvens se precipitam,
a vida se faz presente na terra,
e chove sobre o mar
histórias que com o tempo
iremos desvendar.

Eternos

Estradas que cruzam montanhas
e desabam no vale dos esquecidos.
Há estradas por toda parte,
muitas são de via única.
Permitem que idéias germinem,
mas há também caminhos tortuosos
e bastante povoado por indigentes,
perdidos no deserto da ilusão,
cavando um túnel que os levem,
a um lugar qualquer.

Que ao menos tenham uma rosa brotando
e que se permita ser regada,
de palavras vivas, que liberte.

Não posso tomar a brisa da manhã,
sem pensar no calor da tarde,
sem pensar no frio da noite,
sem pensar na brisa de amanhã.

Não posso comer sem saborear a fome,
dormir sem experimentar a insônia.
Não posso viver sem testar a morte.
Tudo é ilusão da matéria.

As construções do ontem glorioso
são as areias do deserto presente.
O que somos nada será no amanhã.

É tudo ilusão no esquema da vida.

Muitas estrelas que avistamos,
não mais existem como antes,
já são parte de sistemas extintos.

Mas, nossa estrela interior,
esta sim, é eterna.

Maquiagem moral

Estética ressalta a beleza.
O belo reflete harmonia.
A ética estabelece parâmetros,
de equilíbrio em nossas ações.

Estética para ser ética,
respeita as diferenças plásticas,
que trazemos em nosso vaso.

A beleza gerida pela artificialidade,
dos efeitos cosméticos descabidos,
cria falsa cútis descascável.
É uma pandora ilusória,
de consumo insaciável.

A beleza dignamente validada,
estampa onde nosso fitar,
não consegue penetrar.

Na perfeição do agir,
na convivência unificada,
na alteridade plena,
no caminhar retilíneo.

O que importa na condensação,
não tem valor no éter,
Menos é sempre mais
na mente eterna.

Lágrimas da expressão

Quando as gotas de tinta,
caem sobre o papel,
uma enxurrada de idéias
transborda
minha mente se agita.

Na busca de imagens sentimentais,
que traduz sentimentos
mundiais,
que estão atolados,
no sistema maquinário,
das mentes
improdutivas,
dos magnatas da podridão.
Que é gerada pelo poder.

Poder de ter e não saber para que.
Poder dos que estão na ponta
do arpão vertical,
que pode ser varado
pela navalha da razão.

Amasso o papel,
pois as gotas que caíram,
foi um suplício,
da sublime arte de amar.
Que não encontra alicerce
onde se edificar.

Martelo do tempo

Deixaram no ar
uma mancha de gás lacrimogêneo.
Desta vez ficou no chão
uma correnteza de fel,
de inocentes pássaros andantes.
Camaleão da incompreensão,
de intolerantes sistemas débeis
agem sem julgamento,
gratuitas cenas de horror,
abalaram a grande esfera.
Agora tudo é diferente,
irmãos desconfiam de irmãos,
a vingança de órfãos sofridos
destroem agora seu ninho.
Diante do martelo do tempo,
a vida vai adiante,
haja o que houver.
As harpas da nova aurora
sempre serão tocadas,
diante da majestosa força,
que equilibra este quintal,
Nada que o homem faça,
atrasa sua definição.
O imutável é soberano
e suas leis são implacáveis.

Meu despertar

Temos que decolar,
temos que seguir a fundo.
Quem entende de tudo,
cai no poço do desconhecido.

Gaivota que rasteja trêmula,
que luta para se manter no ar,
mas suas asas pesam,
de prepotência.

Quem disse, basta agora,
adiante também dirá.
As faltas desfalcadas
deverão ser derramadas
no alicerce fúnebre da dor.

Desisto de ser marionete
de um capitalismo "bonzinho"
que só amontoa conspiração,
na engorda de seu ouro gorduroso,
gotejando sangue do proletário.

Feridos na ânsia velada
de ser correto para o sistema,
que secreto corrompe os neurônios,
desprotegido dos homens de chumbo

Papo chato

Não é natural
aceitar o desrespeito,
com você,
com o outro, com o povo.

Vi na tv
uma ação social,
banheiro itinerante
para moradores de rua,
uma vez por semana.

Não é natural ter moradores de rua,
não é natural banhar-se semanalmente,
não é natural ver mendigos
e só darmos esmolas.

Apesar de ser cultura milenar,
nunca será aceito por corações amorosos,
estes seres que por nós passaram,
acolheram todos que puderam
em nossa pequenez os tornamos santos.
Admitindo nossa preguiça espiritual.

Será que não é natural ser santo?
Ser indiferente é o caminho?
A tranquilidade não incomoda?
Egoísmo agora é virtude?

Gente!
O amor...
Alguém falou sobre o amor!
Ora bolas...
Que papo chato!

Dia D

Tem gente que gosta de arte,
outros perseguem os artistas.
Tem gente que gosta de cultura,
outros desprezam e refutam.

Tem gente que se ocupa
pensando no futuro,
Outros ameaçam
o porvir da nação.

Tem gente que se mostra
e até se arrisca,
Outros covardemente
se escondem como cupins.

Neste momento atual,
não podemos ficar inertes,
o destino de nosso chão
está em nossas mãos,
optemos pelo melhor.

Destino

Um livro caiu
da mudança recente,
na rua ficou aflito.
Capa dourada agora sem rumo,
com título bonito sem valor.
Era um exemplar conhecido,
passou por ele um senhor
lançou um forte pontapé.

O livro gritou, agonizou, rolou,
despencou num córrego urbano,
e as águas imundas o levou.
Desaguando em prantos no rio,
levado pela torrente sinuosa,
adentrou mais tarde no mar bravio,
seguiu ondas a dentro e submergiu.
Alcançou uma corrente marinha
e viajou por outras línguas.

As ondas o conduz à margem,
nos pés de um mancebo parou.
Foi carregado no colo com cuidados,
na estante molhado ficou.
O menino, já homem num dia frio,
pegou o livro e folheou, nada entendeu.

Faltou lenha para aquecer,
sem dó nem piedade,

na lareira o livro ardeu
e com suas chamas ardentes,
a noite gelada aqueceu.
Terminou ali sua jornada.
Foi útil por via diferente.

Jornadeando sem ócio

Trabalha todo dia,
na casa de João,
na casa de Maria,
na casa de Tião,
na casa de Maíra.

O dia todo, todo dia.
Arruma o quarto,
a sala, a cozinha,
tira o lixo,
todo dia.

Conhece as dores de João.
Vive as angústias de Maria.
Viu num lance, nudez de Tião.
chorou e desabou com Zezé.

Esforço intenso
o dia todo,
todo dia.

Quando anoitece,
a jornada se finda.
Vai para casa moída.
Lá tem roupa para lavar,
comida para fazer,
criança para mamar,
casa para arrumar.

Quando dorme,
já é hora de levantar,
toda noite,
todo dia.

Transparência

Hoje, a cara do Brasil,
não é pintada nem limpa,
transonência é a vez.
Trans-concreto que mata,
trans-jato que limpa,
trans-pentáculos que rouba.
Liberdade da liberdade premiada,
o eu acima de tudo.
Traição em troca da pele.
Artifício esperto para pegar bandido,
com seu próprio rebanho.
Filhos da pátria verde/amarela.
Pátria que arde, brasa na pele.
chacoalhar da coragem,
Sem temer seu povo,
acreditando no futuro.

Paradoxos da vida

Subiu a descida do salário.
Baixou a intolerância da tolerância.
Empregou-se o desemprego.
Queda na exportação que subia.
Calmo aumento de preocupação.
Despencou a confiança fixada.
Sobe e desce incontrolável,
dilacerando convicções.

Ainda assim dizem que estamos,
progredindo como formigas,
a passos de minhocas.

Não importa os setores,
todos pegam uma onda,
de afirmações e negações,
das mesmas idéias e teorias.

Todo o saber está em cheque.
Em tudo parece haver
várias formas da essência.
Vida dinâmica, a cada nascer
acrescenta-se oscilações.
Comportamentos mortais.

Ocupação

Quem são estes,
que nos surpreendem,
com atitudes opostas
e enfrentam uma nação?
Ocupam escolas,
com audácia de um exército.
Sua bandeira do futuro,
estampa mundo melhor.

Quem são?
O que querem?
Querem o que desejamos.
Igualdade, direito e participar
do processo democrático.
Querem decidir o melhor
para o conjunto e não deixar
deliberarem por eles.

Verdadeiros donos da nação.
Andam plugados no mundo.
São os novos guerreiros,
desarmados e com atitudes,
amedrontam os indolentes.
Fazem uso do progresso,
conectam e se aglutinam.

São os infantes da batalha,
estancando nossas feridas.

O louco

Na minha rua
morava um louco,
sua casa era na rua.
Sempre tinha um louco
na sala de minha rua.
A rua nunca ficava vazia,
sempre tinha um louco,
que às vezes caminhava nu.
E cobriam para não ve-lo nu
o louco sozinho desfilava.
O louco desfilou hoje,
lendo um livro de drumond.
O louco, poemas declamou.
O louco é professor que pirou.
Lia livros de todo teor.
Invadi sua casa, que terror,
afogei-me em letras, que pavor,
escapuli e entendi, que o louco
ficou maluco porquê extrapolou.

Tudo muda

Verdades estão mudando.
Regimes se cambaleiam.
Revelações estão chegando.
Esforço da humanidade,
na tentativa de se encontrar,
perceber seu universo.
Vivemos intensamente,
histórias de nosso futuro.
Vida é eterna evolução.
Convicções do pretérito
lentamente refutadas.
Presente elevando muralhas,
para logo serem tombadas.
Constantes reconstruções,
até chegarmos a perfeição.
O mundo é meio dinâmico.
As leis humanas mutáveis.
Construção imperecível
É impossível enxergar,
mas podemos sentir.

Consumo midiático

Somos livres?
Somos quem desejamos
sempre um pouco mais.

Nos prendemos às grades
do consumo midiático,
escravizados e teleguiados,
desejamos cegamente o novo.

Exaustamos rapidamente
com tudo que conquistamos.
Amamos quinquilharias.
Amamos o que vai existir.
Lutamos para ter coisas,
quando conseguimos,
é quando desistimos.

O desejo passou,
a sede acabou,
a atração dissipou.

Vazio que ficou,
logo ocupou
Outra paixão

Desvinculação planetária

Mirando as estrelas
indaguei meu pensar,
longe, nas galáxias
é possível habitar?

Nossa forma hominídea,
é plausível de assemelhar.
Fico tentando adivinhar,
tem mesmo hábito por lá?
Nossos áridos vizinhos
e alguns ate sem chão,
ainda sem vestígios,
de ter cisco de civilização.

Observei minha paisagem,
uma favela meio distante,
cem metros a meu mirante,
luzes amarelas e fumacentas,
região que desconheço.

Questionei mais uma vez,
longe, naquele lugar
é aceitável povoar?
O que tenho aqui,
é previsível terem lá?
As pessoas daqui
são como as de lá?

Olhares do mundo

Qual é o seu olhar?
Olhar de alegria,
onde o mundo é uma sinfonia.
Onde tudo é sinônimo de satisfação.
Um olhar alegre
é uma fonte inesgotável
de bons sentimentos.
Sentimentos que traz satisfação.

E um olhar triste,
qual a imagem que produz?
Imagem de abandono, desprezo?
Quem sabe de amor não correspondido.
Olhar de quem não teve sucesso na vida.
Olhar de quem não teve vida.

O tempo passou, nada se realizou.
O olhar apaixonado,
onde o desejo estampa na face.
Olhar de ansiedade,
onde o dia a dia nos faz
correr em busca de nada.

Olhar de fome existe?
Qual o seu formato?
É preciso provação para saber.
Não é só fitando quem passa fome
que se compreende este olhar.

O olhar da fome é invisível.
O olhar da fome é sentido no íntimo.

Olhares, qual o olhar de nosso mundo?
Talvez um olhar de choro,
de olhos rasos d'água,
mas um choro preso
onde as lágrimas não caem.

Menino invisível

Sentado no passeio
o menino ficou,
passou o ônibus
e ficou,
passou os trabalhadores
e ficou,
passou os estudantes
e ficou,
passou uma, duas, cinco, oito horas
e ficou.
Ficou o menino,
cansado, sentado no passeio.
Passou dois dias e deitou.
Deitou o menino.
Com fome findou.
Sonho ainda não sonhado
se apagou.
No desvario do sistema,
os robores não o viu.

Morte da velha

Escolas ocupadas,
praças preenchidas,
ruas abarrotadas
cidades preocupadas.

Nação culpada?
Nação ludibriada,
política indiciada.
democracia decepada,
normas violadas.

Juventude prejudicada,
estudantes vitimados,
cultura atropelada.
Autoridades indiferentes,
constituição rasgada.
O que nos resta?
Nada.

Escultura de Deus

É impressionante
e sempre sera
a maestria da flor,
a mais pura e bela
expressão de amor.
Esteja onde estiver,
na terra, na rocha,
na água, no mar,
sua beleza eclodirá.

Sempre a florescer,
não existe barreiras
que elas não vençam.
Não existe aridez,
que elas não enfrentam.
Não existe frio,
que elas não superem.
Uma delicada flor
revela a força do amor,
sua delicadeza única
perfeição Divina.

Chave perdida

No início tudo era equilibrado.
Abriu-se o portal da vida
tudo se transforma
Hoje a escuridão aterroriza
sobrepondo os raios luminosos
porém, dia e noite
se equilibram

Curvas

No início tudo estava puro,
as pedras rolaram
Ondas repentinas
mudam as características
que padronizavam a humanidade.
onde está nosso olhar?

Rugas

No inicio
um semblante tenro
e um olhar materno
Acordar,
um ato dificil
um dia eterno

Asas cortadas

No início,
liberdade,
progresso
Uma louca ânsia
de possuir
possuir tudo

quero...
mais...

Publique seu livro com a
Editora Nocego
www.editoranocego.com.br
Contatos:
(73) 98873-7177
e-mails: editoranocego@gmail.com
kalixto.calixto@gmail.com

Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.